

O FENÔMENO DA CRIAÇÃO DE VALOR EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL: estudo em uma organização social na Espanha

MONICA CRISTINA ROVARIS MACHADO
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)
monicarovarisdoutorado@gmail.com

FERNANDO CESAR LENZI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)
lenzi@univali.br

CLEMENTE PENALVA VERDU
UNIVERSIDADE DE ALICANTE
clemente.penalva@gmail.com

Título: O FENÔMENO DA CRIAÇÃO DE VALOR EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL: estudo em uma organização social na Espanha

1. Introdução

A sociedade moderna é caracterizada por situações de difíceis soluções para os problemas econômicos e sociais tanto para os governos como para as sociedades, seja pela incapacidade na sua resolução, pela falta de adequação das instituições governamentais, ou ainda pela falta de recursos (Parente, Costa, Santos & Chaves, 2011). A pobreza e a desigualdade continuam a ser dificuldades enfrentadas pelos países em desenvolvimento (Desai, 2014). Entretanto há fatores que contribuem para a resolução dinâmica destes problemas sociais principalmente em âmbito local que permite a criação de vários caminhos que combinam a pesquisa, formas de trocar e interagir entre as pessoas, bem como a ação de empreendedores com a intenção de simplesmente ajudar os outros (Kostetska & Berezyak, 2014; Pless, 2012), ainda que exista crescimento econômico. O empreendedorismo social (ES) tornou-se um fenômeno global que impacta as sociedades por empregar abordagens inovadoras na resolução de problemas sociais com a criação de valor, provenientes tanto do setor privado quanto do setor sem fins lucrativos (Austin, Stevenson & Wei-Skillern, 2012).

O Empreendedorismo Social (ES) tem despertado crescente interesse na academia, apesar de não ser um fenômeno novo (Chell, 2007), sabe-se relativamente pouco sobre as dinâmicas e processos importantes para o avanço social e econômico por ele proporcionado nas comunidades locais (Martin & Osberg, 2007). Ele emerge num contexto de crise e desafios sociais, econômicos e ambientais nas sociedades contemporâneas (Parente *et al.*, 2011), e pode ser um mecanismo de trocas sociais para o desenvolvimento econômico sustentável (Kostetska, Berezyak, 2014), ou ainda responsável pela inovação na resolução de problemas sociais (Omoredede, 2014; Parente *et al.*, 2011).

O ES é visto como uma importante vertente de renovação da intervenção social ao gerar valor social combinado com o valor econômico, na geração de trabalho e renda e novas maneiras de construção de redes mais profissionalizadas e fortes com o intuito de contribuição social (Austin *et al.*, 2012; Mair & Marti, 2006). Ele tornou-se um domínio cada vez mais importante da investigação. Seu surgimento está estreitamente alinhado às mudanças das percepções sobre o papel e a função dos mercados em que, especialmente no final do século XX, passou a ser visto como um mecanismo importante para apoiar a atividade econômica nas áreas consideradas não rentáveis pelo setor privado e negligenciado pelo Estado (Bacq & Janssen, 2011).

O ES é entendido como um processo de criação de valor por meio da combinação de recursos, mas por novos caminhos. Estas combinações de recursos destinam-se principalmente à exploração e aproveitamento de oportunidades para criar valor social, estimulando a mudança social ou satisfação das necessidades sociais. E por último, quando visto como um processo, o ES envolve a oferta de serviços e produtos, mas também pode se referir à criação de novas organizações (Mair & Marti, 2006).

Os estudos em criação de valor tornam-se importantes, pois é uma característica definidora de organizações sociais (OS) (Dees, 2007; Peredo & Mclean, 2006, Zahra, Gedajlovic, Neubaum & Shulman, 2009) e é defendida em seus estatutos, políticas e procedimentos, atividades e processos que promovem a inovação (Silva, Moura & Junqueira, 2015), promulgada em seu modelo de negócio, estratégias operacionais. A criação de valor social no ES ainda não foi devidamente considerada em profundidade em exposições anteriores, que se concentram principalmente em empreendedores individuais e empresas privadas e pode apoiar os estudos em ES (Baker & Nelson, 2005), sendo necessário a investigação quando o *locus* é o indivíduo em seu contexto social (Schwartz, 1992, 2012, Tamayo & Schwartz, 1993).

O estudo na Espanha, especificamente na Comunidade Valenciana (CV) justifica-se pois, há investimentos e ações na implantação de políticas públicas que visam a igualdade e inclusão social no âmbito econômico e igualdade de gênero (Modelo Econômico da Comunidade Valenciana/Espanha, 2014). A Associação APSA, situa-se na cidade de Alicante/CV, atua na área de inclusão de pessoas com discapacidade no mercado de trabalho, na modalidade de emprego com apoio, com previsão na legislação de Minusvalia, do estado Espanhol, por meio de legislação e políticas públicas de inclusão (Lei da Minusvalia - LISMI - 13/1982 e suas atualizações, Lei 8.1980 e suas atualizações).

Nicolás e Rubio (2012) afirmam que há pouco conhecimento sobre ES em geral, e que há a necessidade de verificar como é o processo de concepção e a forma de intenção desse tipo de empreendimento. Entende-se ES como um processo de criação de valor por meio da combinação de recursos, mas por novos caminhos. Em segundo lugar, estas combinações de recursos destinam-se principalmente à exploração e aproveitamento de oportunidades para criar valor social, estimulando a mudança social ou satisfação das necessidades sociais. E em terceiro lugar, quando visto como um processo, o empreendedorismo social envolve a oferta de serviços e produtos, mas também pode se referir à criação de novas organizações (Mair & Marti, 2006). Austin *et al* (2012) afirmam que o ES é criador de valor social, que pode ocorrer nos diversos âmbitos da economia e necessário que perdure ao longo do tempo, tornando-o sustentável para a comunidade (Weerawardena *et al*, 2009). A diversidade de estudos, mas em diferentes ambientes econômicos, pesquisar empreendimentos sociais que operam em diferentes regiões, como as em desenvolvimento (África, Ásia, América Latina e América do Norte) ou em países desenvolvidos como nos Estados Unidos, Canadá ou Europa (Meyskens *et al.*, 2010), e é importante, pois contribui para verificar os diferentes estágios de desenvolvimento e as contribuições pertinentes destes estudos.

1.1 Problema de Pesquisa e Objetivo

Como lacuna de pesquisa, a criação de valor está ligada diretamente aos ambientes onde estão localizados os empreendimentos sociais, visando que tipo de ações são realizadas para criar efetivamente o chamado valor social. No trabalho organizado por Ghobril, Perez & Castillo (2015), a primeira constatação é a consolidação do empreendedorismo com a vertente social e seu trabalho desenvolvido com públicos pouco atendidos pelo empreendedorismo tradicional, como as crianças, idosos e pessoas portadoras de necessidades especiais, reduz as dificuldades das famílias e auxilia na consecução de objetivos pessoas e profissionais de minorias. A tendência das empresas sociais se situarem em ambientes pobres em recursos contribui para contrariar as restrições impostas e criar valor social (Lepoutre, Justo, Terjesen & Bosma, 2013). Faller, Estivalet, Ferreira, Costa e Andrade (2016) sugerem estudos para inclusão de atributos¹ associados a criação de valor social em empreendimentos sociais, aprofundando a discussão no processo de criação de valor social, incluindo outros aspectos relevantes, pois o valor social é o propósito, a força explícita e condução central do ES.

Este estudo integrou um projeto mais amplo que os autores desenvolveram na Espanha. O artigo pretende responder a seguinte pergunta: Como se manifesta o fenômeno da criação de valor para os trabalhadores do Centro Especial de Emprego da Associação APSA? O objetivo geral deste artigo é mapear os valores gerados pelo empreendimento social dentro do processo de criação de valor baseado o modelo de Schwartz, sob a ótica dos trabalhadores, a partir de estudos na cidade de Alicante/Espanha.

2. Fundamentação Teórica

Esta parte do artigo dedica-se a delinear os principais conceitos e definições referente

ao tema de estudo, como: gestão de pessoas e micro e pequenas empresas, além de comentários, interpretações e reflexões, buscando atender aos objetivos propostos

2.1 Empreendedorismo Social e Criação de Valor

Originalmente, o termo empreendedorismo surgiu na França, tendo suas origens nos séculos 18 e 19, quando os empresários filantrópicos e industriais demonstraram uma preocupação com o bem-estar dos funcionários, melhorando o seu trabalho, educação e vida cultural. No Reino Unido, o empreendedorismo social era a base de hospitais privados vitorianos e tem sido sempre uma característica fundamental do trabalho de caridade e é claramente evidente no movimento hópice mais recente (Shaw & Carter, 2007). O ES é parte da área de empreendedorismo (Mair & Marti, 2006), mas difere do empreendedorismo tradicional e é provavelmente mais difícil de definir (Bacq & Janssen, 2011; Mair & Marti, 2006). Os conceitos de empreendedorismo social não foram utilizados antes da década de 1990 (Dees, 2007), e o termo "empreendedorismo social" surgiu no mundo acadêmico no final dos anos 1990 nos Estados Unidos (Dees 2007; Drayton, 2002; Mair & Marti, 2006) e no Reino Unido (Leadbeater, 1997).

Pode-se considerar o ES como um conceito ainda em construção, muito embora exista certo consenso entre os estudiosos quanto às semelhanças desse tipo de empreendedor (o social) com o empreendedor comercial, é claro que sua aplicação é na esfera social (Roberts & Woods, 2005; Shaw & Carter, 2007; Weerawardena & Mort, 2006). Mair e Marti (2006) explicam que o ES pode ser estudado como um campo independente de pesquisa. As autoras argumentam que difere das outras formas de empreendedorismo na medida em que dá maior prioridade à criação de valor social, por assegurar desempenho e impacto social. É, portanto, divergente de Dees (2007), que justifica ser uma ramificação do empreendedorismo, utilizando-se de conceitos e literaturas já desenvolvidos pela área. O ES também pode ser definido como a criação e realização de um empreendimento que pretende promover uma finalidade social específica ou causa, num contexto de mobilização, valores que são desejáveis e importantes em uma sociedade civilizada. Estes valores podem ser: a liberdade, a igualdade e a tolerância, que são pertinentes para a qualidade da vida humana. Já outros estudiosos consideram o ES como um caminho para a transformação social ao invés de recompensa econômica (Alvord, Brown & Letts, 2004; Mair & Martí, 2006; Murphy & Coombes, 2009).

Há que considerar que a definição do ES tem como foco a missão principal do empreendedor social é a criação de valor social, fornecendo soluções para problemas sociais. Este fator parece ser comum na maioria das definições propostas na literatura e contribui para a exploração frutífera do empreendedorismo social como um contexto em que outros tipos de empresários estabelecidos podem operar. Enquanto alguns autores adotam uma definição voltada para a missão de ES associado aos resultados econômicos, outros autores sugerem que os resultados econômicos fazem parte da missão social (Dacin, Dacin & Tracey, 2011; Mair & Marti, 2006; Zahra *et al.*, 2009). Mair e Marti (2006) argumentam que o ES é um "processo de criação de valor através da combinação de recursos de novas maneiras" (p. 37), entendendo processo como a entrega de serviços e produtos, mas também a criação de novas organizações.

O foco principal do ES é a criação de valor social. A criação de riqueza social é o objetivo principal, enquanto a criação de valor econômico, na forma de ganho renda, é um subproduto necessário que garante a sustentabilidade da iniciativa e a autossuficiência financeira (Martin; & Osberg, 2007). Além disso, o ES é norteado pelo valor social e inovador, exploração de oportunidades, missão social dentro de uma organização sem fins lucrativos (Austin *et al.*, 2012; Weerawardena & Mort, 2006).

O ES combina elementos do empreendedorismo tradicional com o propósito de inovar na ordem social (Seelos & Mair, 2005). Ainda para Mair e Noboa (2006) a mudança social

gerada pelo empreendedorismo social contribui como catalisador para a criação de organizações e/ou práticas que geram e sustentam benefícios sociais, ou ainda para a “construção, avaliação e busca de oportunidades como meios para transformação social realizada por visionários, indivíduos apaixonadamente dedicados” (Roberts & Woods, 2005, p.49). Na definição de Austin *et al.* (2012, p. 2), o ES apresenta-se “como uma atividade que cria valor social e que pode ocorrer dentro ou por meio de organizações sem fins lucrativos, empresas e setores do governo.”

As oportunidades relacionadas ao empreendedorismo social são voltadas para problemas sociais que criam valor social, a tentativa de resolver as questões sociais, bem como a geração de emprego e renda para pessoas consideradas marginalizadas (IPEA, 2010). As oportunidades criadas são norteadas por ações de “comércio justo e ações de autoajuda” (Leal, Freitas & Coelho., 2014, p. 239), e também ações de capacitação, que buscam a inserção destas pessoas no mercado de trabalho (Hockerts, 2006). Além do reconhecimento de oportunidades, um outro caminho a ser seguido é a atuação em conjunturas específicas onde pode-se agir na resolução de questões sociais ou numa comunidade específica, que contribuam para o seu desenvolvimento e melhoria da situação social e econômica (Robinson, 2006). Dentro da área de ES, considera-se como fontes de oportunidades as “descobertas tecnológicas, acontecimentos econômicos, mudanças demográficas e de estilos de vida, calamidades e desastres naturais, mudanças governamentais e descobertas de recursos, entre outros” (Leal *et al.*, 2014, p. 239).

O ES envolve a entrega de um valor social aos menos privilegiados por meio de negócios financeiramente independentes, autossuficientes ou sustentáveis (Abu-Saifam, 2012), e muito se tem discutido sobre o que são os valores e como são reconhecidos e utilizados nas sociedades contemporâneas. Estudos como os de Rokeach (1973), Schwartz (1992, 2012), Tamayo e Schwartz (1993), Gouveia, Martínez; Meira; Milfont (2001) tem contribuído para o desenvolvimento da teoria de valores no contexto organizacional. Para Rokeach (1973, p. 5), os valores refletem “crenças duradouras de que um modo específico de conduta ou um estado final de existência é pessoal e socialmente preferível a um modo de conduta.” Os valores desenvolvidos no ES, por vezes, transcendem situações específicas, possuem importância relativa e variável, e servem como princípios orientadores da ação, onde o *locus* de atuação é o indivíduo dentro do contexto social (Schwartz, 1992, 2012). Em sua teoria de valores humanos, Schwartz (1992) prevê dez valores organizados em uma estrutura circular, conforme mostra a Figura 1.

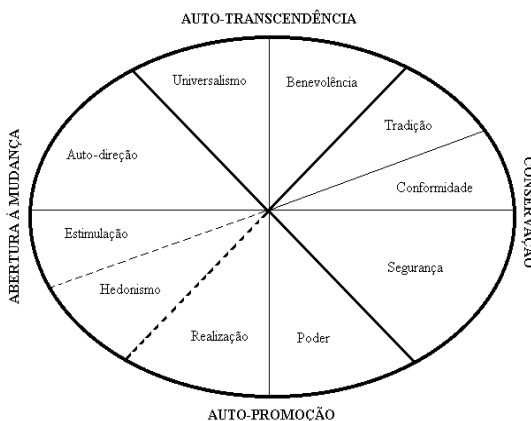


Figura 1- Teoria de Valores de Schwartz (1992)

Fonte: Schwartz (1992)

Schwartz (1992) organiza e define os valores, a saber: o Poder (prestígio social, domínio sobre recursos e pessoas), realização (êxito pessoal pela demonstração de

competência), hedonismo (prazer e diversão), estimulação (novidade e variedade na vida), autodeterminação (liberdade de pensamento e de ação), universalismo (compreensão, tolerância e preocupação com o bem-estar geral e ambiental), benevolência (suporte e lealdade ao grupo próximo), tradição (respeito e aceitação de costumes e ideias culturalmente arraigados), conformidade (restrição de ação, de acordo com as normas e expectativas sociais) e segurança (estabilidade da sociedade, das relações e de si mesmo). (Schwartz, 1992, 2012; Gouveia *et al*, 2001).

A partir dos conceitos de Schwartz (1992), o termo " valor social " é sugestivo e possui uma ampla gama dos significados e, assim, tem sido objeto de análise e debate, mas refere-se a avançar o bem-estar comum numa comunidade, e em atividades que criam valor social por meio de diversas formas, e quatro fatores que dificultam sua mensuração, pois são: subjetivos; negociados entre as partes interessadas; contingentes e abertos à reavaliação reunido elementos incomensuráveis que não podem ser facilmente agregados dentro de uma métrica única; inseparáveis quando se trata de atividade social (Young, 2009).

Neste sentido, pode-se dizer que o valor social não está diretamente associado à obtenção de lucros, mas sim, no atendimento das necessidades básicas dos indivíduos e que venham de longa data, como na melhoria da qualidade de vida das pessoas, diminuição da exclusão social e aumento do apoio e dos benefícios à comunidade (Dees, 2007; Godói-de-Sousa, 2011; Melián, Campos & Sanchis., 2011; Izes, 2014). Os empreendedores sociais têm uma compreensão das necessidades sociais e conseguem satisfazer estas necessidades de forma criativa, por meio do cumprimento das necessidades básicas e de longa data, como o fornecimento de comida, água, abrigo, educação e serviços médicos para os membros da sociedade que estão em necessidade (Peredo & Mclean, 2006; Shaw & Carter, 2007).

O valor social tem pouco a ver com os lucros, mas envolve a criação de valor social corresponde à resolução de demandas sociais aliadas ao desenvolvimento e geração de renda de indivíduos menos favorecidos economicamente, além do auxílio às necessidades básicas de determinadas comunidades (Dess, 2007), problemas sociais de indivíduos privados de serviços médicos e educacionais, e próximos a situações de risco, como consumo de drogas e desemprego (Corner & Ho, 2010).

O foco na criação de valor social amplia os objetivos da empresa para além do foco no acionista, e considera o papel destas na promoção de bem-estar para a sociedade (Ramanujam & Venkatraman, 1986). Isto não significa dizer que todos os problemas sociais podem ser resolvidos de forma a dar lucro, nem que todos os empreendimentos sociais possam, naturalmente, equilibrar e gerenciar os objetivos sociais e financeiros (Pirson, 2012; Leal *et al*, 2014), e este dilema sem solução prescritiva permeia as relações no ES. A criação de valor social em empreendimentos sociais tem um dilema com características relacionadas a autonomia e identidade socioeconômico, político, cultural e legal, dependência mínima ou quiçá não depender de verbas estatais, conseguindo gerar por si suas receitas e financiar seus projetos, tornando-se competitiva e capaz de enfrentar o mercado onde está inserida (Faller *et al*, 2016).

3. Metodologia

A fim de alcançar os objetivos propostos, foi realizado uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva (Creswell, 2010; Martins & Teóphilo, 2009), por se tratar de um tema novo, relativamente inexplorado, com pouco conhecimento acumulado e sistematizado dentro do ES (Austin *et al.*, 2012; Nicholls, 2006; Shaw & Carter, 2007; Weerawardena & Mort, 2006). A abordagem para a pesquisa foi do tipo qualitativa, pois permite um grau elevado de interação e comunicação entre o pesquisador e atores investigados (Di Domenico, Haugh & Tracey 2010; Stake, 2011; Weerawardena & Mort, 2012; Sassmannshausen & Volkmann, 2013), com a

geração de dados flexíveis no contexto social e sustentada em métodos que contribuem para explicar a complexidade do contexto estudado (Stake, 2011).

O método de pesquisa foi estudo de caso qualitativo do tipo único (Alves-Mazzotti, 2006; Godoy, 2010, Yin, 2016), por ser considerado mais adequado para gerar conhecimento e validar nos contextos a serem estudados (Stake, 2011). As técnicas de pesquisas utilizadas no processo de coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas em profundidade (Godoi & Mattos, 2010; Mendizábal, 2014; Stake, 2011), análise de documentos (Stake, 2011; Yin, 2016), e observação direta (Poupart, 2008). A validade do instrumento de entrevista foi realizada por pares e avaliadores externos, como os técnicos da Associação e especialistas da área (Creswell, 2010, Godoi & Mattos, 2006).

3.1 Procedimentos Metodológicos

A amostra da pesquisa foi escolhida por conveniência (Flick, 2009), por atender os requisitos do projeto: empreendimento social com atuação na Espanha, com mais de 5 anos de fundação. O critério de escolha dos participantes foi intencional e não probabilístico, pois contribuem para a investigação de maneira pontual e específica por meio das opiniões, falas dos sujeitos do empreendimento objeto de estudo (Flick, 2009; Creswell, 2010) e que gerem valor social para os participantes do empreendimento social estudado.

Os participantes deste estudo foram os trabalhadores do Centro Especial de Emprego da Associação APSA, num total de 7 trabalhadores, divididos em 6 pela metodologia de *focus group* com apoio de um formador laboral, e 1 trabalhador de forma individual. O roteiro de entrevista semiestruturado foi elaborado a partir da literatura da área, e as perguntas referiram-se as atividades da vida cotidiana e do trabalho no empreendimento, bem como a criação de valor que o empreendimento gerava para os entrevistados. Os trabalhadores entrevistados foram selecionados pelos técnicos do CEE/APSA, e as entrevistas realizadas entre março e abril de 2017.

Para a análise dos dados, as entrevistas foram realizadas em língua espanhola, traduzidas e transcritas para o português de forma literal, sendo que todas foram revisadas pelo menos uma vez após a transcrição, com início da análise pré-textual. A seguir foi realizada a redução de dados, o estabelecimento de signos para marcar o início e o fim do texto próprio, a codificação dos signos estabelecido pelo pesquisador para a redução de dados e para a reconfiguração significativa e, por fim a exposição dos dados (Penalva *et al*, 2015), como mostra a figura 3.

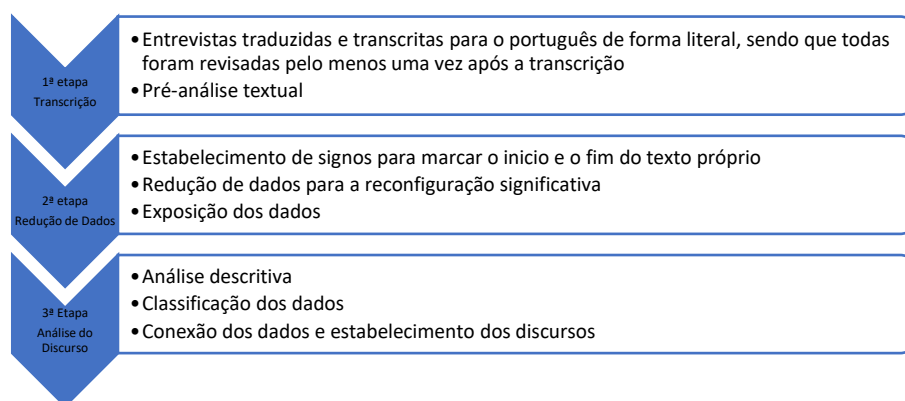


Figura 3 - Procedimentos da Análise Qualitativa de Dados (ASD)

Fonte: Adaptado de Penalva *et al* (2015)

Por fim, a análise dos discursos foi realizada por meio da análise qualitativa de dados (AQD), por meio da classificação e conexão dos dados, e o estabelecimento dos discursos dos

sujeitos fazendo a ligação entre a teoria formal e a teoria substantiva (Mendizábal, 2014, Penalva *et al*, 2015). Para o tratamento dos dados foi utilizado como apoio o software Atlas TI, que auxilia na redução de dados, estabelecimento de categorias de análises, e a análise dos discursos propriamente dita.

4. Apresentação e Análise dos Resultados – Narrativa dos Resultados

Neste item são apresentados os resultados da pesquisa de campo realizada na A Associação APSA, na cidade de Alicante, Espanha, visando atender os objetivos estabelecidos inicialmente.

4.1 Apresentação da Organização

A Associação Pro-Descapitados Psíquico de Alicante (APSA), foi fundada no ano de 1962 por um grupo de pais, na cidade de Alicante, Espanha com o número de registro provincial 92. Inicialmente a Associação foi denominada como Associação de Proteção dos Subnormais de Alicante, aprovada pela resolução de 8 de setembro de 1962. Em 20 de março de 1971, APSA foi considerada uma Associação de utilidade pública por meio do Conselho de Ministros da Espanha.

A Associação Pós-descapitados Psíquicos (APSA), é uma organização privada, sem fins lucrativos e de utilidade pública. O objetivo é atender familiares que apresentem casos de enfermidades relacionadas a transtornos psíquicos (síndrome de *down*, autismo, paralisia cerebral, entre outros) e que necessitem de ajuda ou apoio para desenvolver atividades cotidianas e laborais, quando possível. Ao longo dos anos foram criados: Centro Ocupacionais, Centros de Lazer, Residência para 3ª idade, Centro de Atividades Artísticas, Centros Especiais de Emprego, Centro de formação profissional, Centro de Esportes, instalações de apoio em diversas cidades da província de Alicante. Sua participação também se consolida por meio de projetos em nível local, nacional e europeu, objetivando a inclusão dos associados e familiares em atividades de integração com a comunidade (Estatuto APSA 2012; <http://www.asociacionapsa.com/>).

No ano de 2012, APSA consolidou-se como Associação e sua denominação para a ser Associação APSA, com personalidade jurídica própria e sem fins lucrativos, com âmbito de atuação nacional, no desenvolvimento de projetos relacionados aos fins a que se destina, podendo ainda participar de programas ou fundos da União Europeia, projetos e programas apoiados ou subvencionado em organismos internacionais do qual Espanha é membro, e participação em convênios realizados com empresas públicas e privadas estrangeiras que visam atender pessoas com discapacidade² ou em risco de apresentá-la (Estatuto APSA, 2012).

A Associação APSA tem como missão a inclusão de pessoas com discapacidade ou o risco de apresentá-la em todos os âmbitos da sociedade, bem como a defesa dos seus direitos e interesses, dos seus familiares e tutores (Estatuto APSA, art.6). A APSA tem como visão organizacional que leva em conta seu passado e suas raízes, desde a sua criação, e projeta como futuro sua vocação inovadora e dinâmica, levando em consideração as necessidades dos seus associados e as demandas da sociedade, assumindo novos desafios e sendo fiel a sua missão organizacional.

Dentre as atividades desenvolvidas por APSA e de grande relevância para a Associação são os Centros Especiais de Emprego (CEEs). Os CEEs são organizações sociais que tem como objetivo a integração de pessoas com discapacidade, que tenham no mínimo 70 % da força de trabalho com este tipo de profissional e com diagnóstico de Minusvalia de mínimo 33% de discapacidade (Lei 13/1982, de 7 de abril, sobre a integração social dos Minusvalidos). É uma modalidade de emprego protegido e com apoio que prevê a legislação espanhola, como

atividade de inclusão da vida adulta, que tenham condições psíquicas e físicas para formação e considerados aptos para desempenhar atividades laborais. Para se candidatar as vagas nos CEEs de APSA são necessários requisitos como: ser associado, fazer cursos específicos nos Centros de Formação Laboral, idade entre 18 e 65 anos, que tenham autonomia mínima em áreas básicas da vida diária (Associação APSA).

APSA possui três Centros Especiais de Emprego: Avícola Avimar, especializada em cozinha industrial, limpeza e jardinagem, Limencop especializada em reprografia e desenho gráfico, e Terramar, especializada em limpeza, recepção e atendimento ao público, jardinagem (Espanha, 1982, Real Decreto-Legislativo 1/2013, VII Convenio Colectivo de Centros y Servicios de Atención a Personas con Discapacidad de la Comunidad Valenciana, 2014). Os CEE/APSA possui em torno de 180 trabalhadores, sendo que 90% deste total, são de trabalhadores descapacitados.

4.2 Criação de Valor - Associação APSA

A Associação APSA, por meio dos seus associados e gestores, definiu como princípios e valores norteadores do empreendimento: a solidariedade, responsabilidade, orientação ao usuário, respeito, honestidade, não discriminação e igualdade. Os valores são descritos na figura 4.

Valores	Descrição para APSA
Solidariedade	É a adesão voluntária ao trabalho e as reivindicações comuns aos objetivos da associação
Responsabilidade	É o compromisso com a sociedade e o entorno que nos rodeiam, e em particular com as pessoas com incapacidade intelectual ou risco de tê-la, e suas famílias e as suas necessidades.
Respeito	Reconhece as pessoas e seus direitos. APSA trabalha pelo respeito como caminho de convivência e enriquecimento
Honestidade	É a coerência entre as ações e a missão. Pretende que a atividade seja um fiel reflexo dos valores.
Não discriminação	Trabalha pela igualdade de oportunidade e pela erradicação de ações discriminatórias por motivo de nascimento, raça, sexo, religião, opinião ou qualquer outra condição ou circunstância pessoal ou social.
Igualdade	Integrar a igualdade de oportunidade entre mulheres e homens na organização como princípio básico e transversal. Inclui neste princípio os objetivos das políticas organizacionais e particularmente nas políticas de recursos humanos.

Figura 4 – Adaptado de Princípios e Valores da Associação APSA

Fonte: Associação APSA em www.asociacionapsa.com

Devido as mudanças no mundo do trabalho, a Associação APSA tem buscado implementar políticas e prática de igualdade na Gestão de Pessoas, tanto no que se refere aos trabalhadores de APSA como nos CEES. Esta política tem como base o respeito como caminho de convivência e enriquecimento das pessoas, trabalho pela igualdade de oportunidade e erradicação de ações discriminatórias na organização (Modelo Econômico da Comunidade Valenciana/Espanha, 2014; Plano de Igualdade APSA, 2016).

4.3 Criação de Valor – Trabalhadores dos CEEs

A partir das entrevistas com os trabalhadores de APSA/CEE, foram levantados dados e informações acerca das suas atividades, preferências, expectativas, bem como qual os valores que o empreendimento adiciona na sua vida e das pessoas da organização. Na AQD, para a descrição dos perfis dos participantes torna-se necessária para caracterizá-los de forma a

considerar suas particularidades e destacá-los enquanto sujeito de pesquisa. Para Fernández Nogales (1999), não há uma definição clara para o desenvolvimento do perfil dos entrevistados, busca-se a heterogeneidade e diversidade dos relatos, como mostra a figura 5.

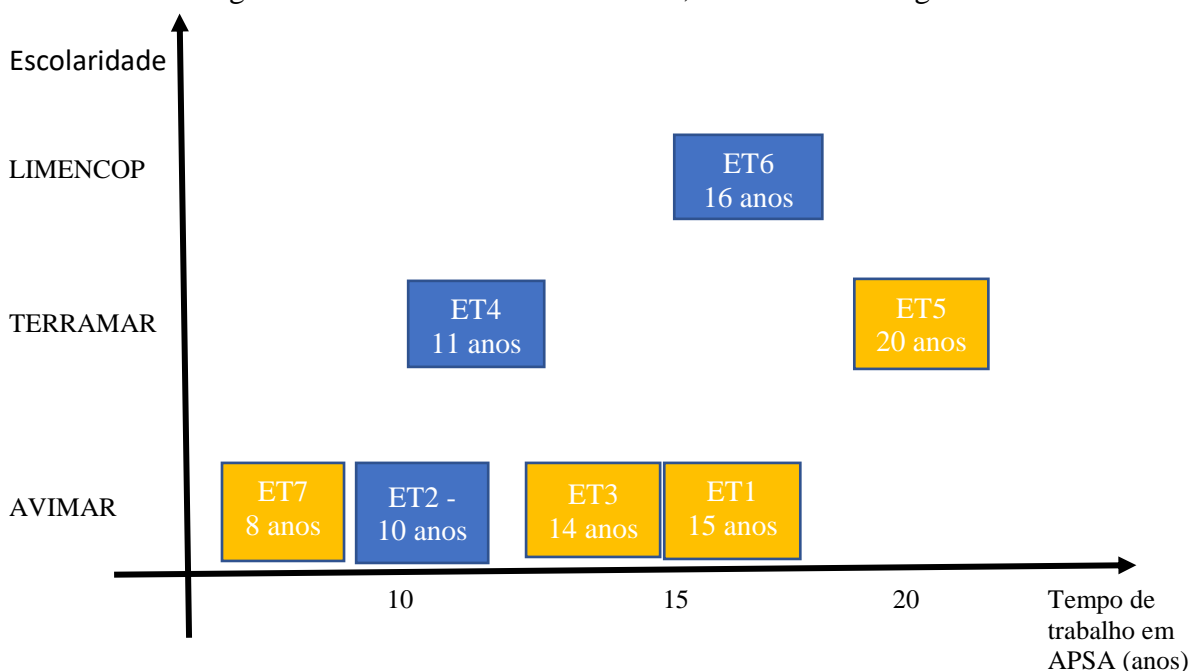


Figura 5 – Perfil dos entrevistados e sua relação com APSA

Fonte: Dados da pesquisa

Os trabalhadores de APSA/CEE trabalham no que se chama na Espanha com contrato indeterminado, passaram pelos 3 meses de período de experiência e depois contratados de maneira intermitente. Muitos deles trabalham nas mesmas atividades a bastante tempo, mas em locais diferentes, devido aos diversos contratos que o CEE possuiu e as necessidades de adaptação do trabalhador. Para a adequação do trabalhador com discapacidade num posto de trabalho, são necessários alguns requisitos como: aprendizagem da rotina diária de vida, aceitação da sua discapacidade, aceitação pela família da limitação do trabalhador, aprendizagem de uma atividade ligada ao CEE/APSAs (Lei da Minusvalia - LISMI - 13/1982 e suas atualizações, Lei 8.1980 e suas atualizações). A sociedade espanhola contribui em muito para a integração das pessoas com discapacidade no cotidiano social, seja pela acessibilidade nos meios de transportes, calçadas, ruas, acesso a saúde, educação, seguridade, apoio em atividades como as da Associação APSA por meio de subvenção, atividades integradoras nos espaços públicos de lazer, entre outros.

No que se refere ao trabalho, os trabalhadores seguem uma rotina com horários e atividades que deverão ser anotados à medida que são realizadas, e tem um acompanhamento das tarefas diárias.

ET5: “ *O que eu faço: Eu varro, limpa os banheiros, os escritórios e os toaletes... e acabou*”.

ET3 trabalha no Castelo de Santa Bárbara, um dos pontos turísticos mais visitados de Alicante: “*fazemos de tudo...como jardinagem, etambém trocamos lâmpadas, limpamos os banheiros, ajudamos a proteger as plantas quando tem vento, e limpamos os passeios e lixeiras de papel todos os dias.*”

O trabalhador ET4, trabalha na Universidade de Alicante, e diz: “*assim como minha colega ET5, eu trabalho na limpeza, eu estou assim... Se falta algum colega de trabalho, eu ajudo lá... Limpo os vidros, e limpo as lixeiras, limpa os exteriores, as entradas dos edifícios tem que mantê-las limpas e outras coisas...*”.

ET1 trabalha no Galpão destinado a trabalhadores manipulados do CEE, então afirma que: “trabalhar com Levantina, na montagem de kits de demonstração.” ET3 trabalha no escritório de uma Construtora na cidade de Alicante, como auxiliar de escritório: “eu gosto de tudo”.

ET6 desenvolve seu trabalho na reprografia de APSA/CEE na universidade de Alicante, afirma que: “Gosto do meu trabalho, mas gostaria de trabalhar com tecnologia”.

Pelas entrevistas, a ET7 é a mais crítica em relação ao seu trabalho, desenvolve suas atividades no Galpão do CEE/APSA como auxiliar de limpeza, e diz: “eu limpo a casinha, eu limpo os banheiros, eu limpo os escritórios, e as madeiras também, lavo a cozinha, limpo as coisas da cozinha, os banheiros dos refeitórios, eu que me mandam...”

No que se refere a vida cotidiana, todos os trabalhadores relatam sua vida como sendo de um jovem espanhol, com preferências e atividades que realizam quando não estão no trabalho. O ET1 afirma que quando não trabalha “gosta de sair com os amigos, ir à praia, a piscina.” Já ET5 “gosta de balançar o esqueleto... no inverno eu vou a uma Danceteria.” Já ET3 afirma que “eu saio, eu faço Yoga, de tardeo³ com as amigas...” E7 afirma que como lazer gosta de: “No sábado e domingo eu saio com os meus amigos... Vamos para Alicante... Eu gosto muito de Alicante...”

Quanto aos valores que APSA/CEE desperta em cada trabalhador na execução do seu trabalho e o impacto na vida cotidiana, todos foram categóricos que APSA é importante na sua vida e que os ajudam a conseguir e os manter nos empregos. Os trabalhadores ET1, ET2, ET3 e ET5 são realizados profissionalmente. Os trabalhadores ET6 e ET7 afirmam que o trabalho os deixa independentes, e ET4 gosta de trabalhar. A figura 6 apresenta os valores enumerados dos trabalhadores de APSA/CEE.

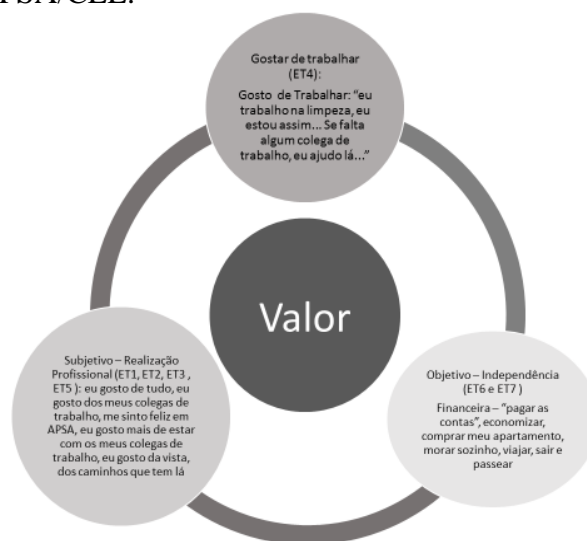


Figura 6 – Valores sob a ótica dos trabalhadores de APSA/CEE

Fonte: Dados da pesquisa

O trabalho tem importância significativa na vida dos trabalhadores de APSA/CEE, tem consciência de suas limitações e reconhecem o papel da organização e o seu papel no processo de trabalho. Isto fica claro com a fala do trabalhador ET4, que afirma:

Se não fosse APSA, eu não... Eu tenho um trabalho (contrato) indefinido, por APSA, graças a Deus estou aqui... Como dizes tu... a todo vapor... Por causa da incapacidade, por ser sozinho, não teria um trabalho aqui na Universidade...

O trabalho é uma das formas mais importantes de inclusão, pois permite que as pessoas, inclusive com discapacidade possam contribuir na geração de renda para si e sua família, como forma de geração de independência, autonomia e dignidade.

APSA tem como um dos principais objetivos oferecer qualidade de vida para pessoas com discapacidade, por meio de atividades que possibilitem a inclusão dos seus associados, seja em atividades artísticas, culturais, sociais, econômicas ou laborais. O trabalho desenvolvido por pessoas discapacitadas tem a necessidade de um forte apoio de pessoas ligadas a área de psicologia, serviço social, pedagogia, gestão, direito, entre outros.

Para que os trabalhadores dos CEES consigam realizar o trabalho com níveis aceitáveis no desenvolvimento da tarefa, é imprescindível que ela seja adequada ao seu nível de entendimento e compreensão do que se espera na realização da mesma. Uma pessoa com discapacidade consegue desenvolver a tarefa com destreza pela sua repetição e pela simplicidade, como fazer fotocópias, montagem de lembranças para natal e recém-nascidos. Os trabalhadores são preparados para realizar tarefas por repetição e apoio de formadores de trabalhos, que os orientam nas atividades a serem realizadas, procedimentos e ferramentas necessárias para a sua realização.

Dentro desta perspectiva, de um lado APSA que visa a melhoria da qualidade de vida das pessoas com discapacidade e os trabalhadores que tem objetivos para seus trabalhos e suas vidas, a Associação consegue criar valor social para os seus participantes e para a comunidade, por meio da sua missão, visão, princípios e valores e é reconhecida pela comunidade. Neste sentido, um diferencial que APSA é a participação em toda a vida do associado, desde seu nascimento até seus últimos dias. Com base na Teoria de Valores de Schwartz (1992), e no *locus* de valor nos indivíduos, as entrevistas realizadas com os trabalhadores de Associação, e na tentativa de responder à questão norteadora deste artigo, os valores explicitados pelos trabalhadores são apresentados na figura 7.

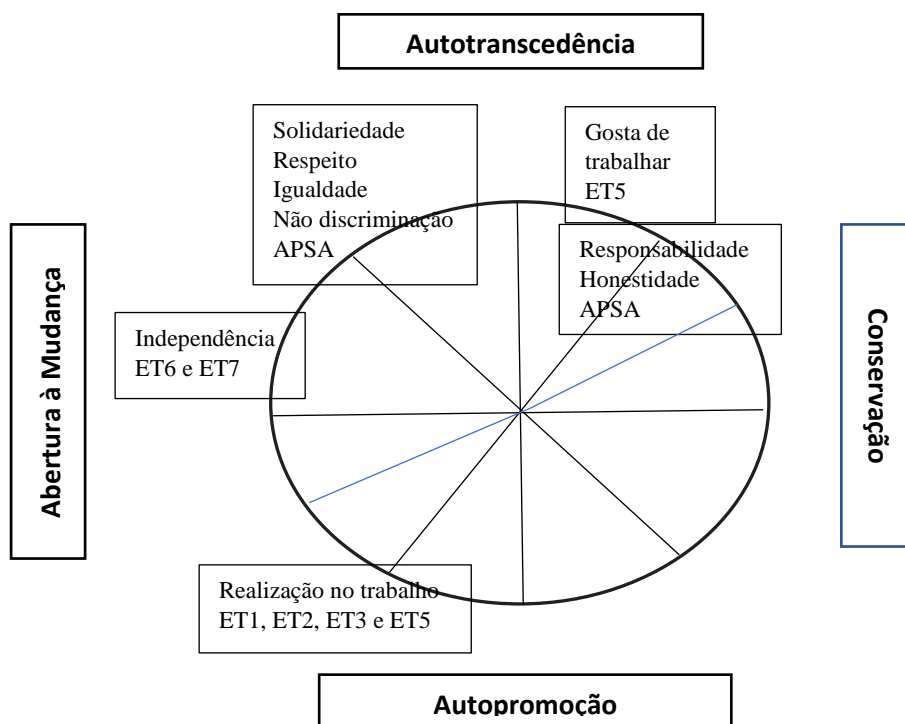


Figura 7 – Valores de APSA e dos trabalhadores do CEE
 Fonte: Adaptado de Schwartz (1992) e Dados da pesquisa

Por meio do levantamento dos valores e princípios propostos por APSA e pelas entrevistas realizadas com os seus trabalhadores, pode-se verificar que os valores se concentram principalmente nos campos da autotranscendência, abertura a mudança e autopromoção. A maioria dos valores concentram-se em Autotranscendência/Universalismo, que visa a compreensão, apreço, tolerância e bem-estar das pessoas e da natureza, e também em Conservação/Benevolência, que visa a preservação e bem-estar das todas as pessoas e da natureza. Estes valores vão ao encontro da missão de APSA, a inclusão de pessoas com incapacidade ou o risco de apresentá-la em todos os âmbitos da sociedade, bem como a defesa dos seus direitos e interesses, dos seus familiares e tutores (Schwartz 1992, 2012).

Por outro lado, os alguns trabalhadores de APSA/CEE encontram-se em Abertura à mudança/Auto direção, com o valor Independência (ET6 e ET7), com pensamento independente, escolha de ação, criando e explorando oportunidades por meio de cursos e atividades laborais disponibilizadas pelos projetos da Associação. Outro grupo de trabalhadores estão fortemente inclinados para o valor Auto-promoção/Realização (ET1, ET2, ET3 e ET5), mais especificamente realização no trabalho, pois APSA/CEE os apoia em atividades da vida laboral, desde sua formação e acompanhamento das atividades do trabalho, bem como da vida pessoal, por meio de ações afirmativas de inclusão, como lazer, esporte e atividades artísticas.

Somente um trabalhador entrevistado de APSA/CEE pontuou como valor Autotranscendência/ Universalismo, gosto pelo trabalho (ET5), pois para ele, sem o apoio da Associação ele não teria condições de se manter no trabalho e ter uma atividade produtiva para a manutenção de sua família.

Há que se ressaltar que os valores baseados na Teoria de Valores de Schwartz culminam na inclusão de pessoas com incapacidade numa sociedade cada vez mais egoísta, levando muitas pessoas à marginalização e exclusão quando são considerados os padrões e normas sociais vigentes.

5. Considerações Finais

A Espanha tem favorecido a inclusão de pessoas com incapacidade por meio de uma legislação de inclusão e ocupação de lugares no mercado de trabalho que tenham condições de desempenhar atividades adequadas as suas condições intelectuais, sensoriais e físicas. Percebe-se que a Espanha é um país que objetiva esta condição de igualdade entre seus cidadãos e que resguarda estes direitos por meio de legislação específica, criando políticas públicas que permitam esta inclusão.

A presente pesquisa, teve como objetivo mapear os valores gerados pelo empreendimento social dentro do processo de criação de valor baseado o modelo de Schwartz(1992, 2012), sob a ótica dos trabalhadores, a partir de estudos na cidade de Alicante/Espanha. Os principais valores gerados para os trabalhadores de APSA/CEE foram Abertura à mudança/Auto direção, com o valor Independência, Autopromoção/Realização, mais especificamente realização no trabalho e Autotranscendência/ Universalismo, gosto pelo trabalho, corroborando com os valores eleitos pela Associação ligado a Autotranscendência/Universalismo e Conservação/benevolência, nomeados pela Solidariedade, Respeito, Igualdade, não discriminação, Responsabilidade, Honestidade, primando por valores considerados altruístas e pelo bem-estar dos seus associados.

Como contribuição deste trabalho, foi possível mapear valores ligados a Criação de valor e ES, além de verificar a integração de pessoas com incapacidade mental ao mercado de trabalho, exercendo atividades de acordo com suas capacidades e possibilidades, permitindo assim a inclusão laboral. A disponibilidade em participar da pesquisa dos trabalhadores de

APSA foi realmente gratificante, pois todos participaram de maneira bastante aberta as solicitações da pesquisadora, o que permitiu um ambiente bastante produtivo de pesquisa.

Dentre as limitações da pesquisa, pode-se verificar que os valores elencados podem ser incluídos outros em novas pesquisas, não se esgotando assim outros valores associados a Empreendedorismo Social e Criação de valor. Estudos futuros podem aprofundar o tema criação de valor em ES, incluindo empreendimentos de áreas como saúde, habitação, bem-estar social, entre outros, e mais stakeholders.

Muito se tem que fazer para todos as pessoas sejam incluídas na sociedade por meio de atividades educacionais, laborais, de lazer, culturais, entre outros. Percebe-se que se está muito aquém de padrões considerados inclusivos, necessitando-se cada vez mais de políticas e práticas que seja permitido pertencer, realizar, fazer e por que não trabalhar com autonomia e independência em espaços da vida cotidiana.

Notas

1 – Atributos – é o que caracteriza algo ou alguma coisa; qualidade positiva; dado qualitativo que diferencia um indivíduo do grupo. (Dicionário Michaelis - Português)

2 – Pessoas com Discapacidade – termo utilizado na Espanha. São pessoas com limitações: motora, visual, mental ou auditiva, em menor ou maior grau, que constituem um grupo heterogêneo da população e que necessitam de proteção particularizada para o exercício dos seus direitos humanos e liberdades básicas, para uma participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as outras pessoas (

<https://www.msssi.gob.es/ssi/discapacidad/informacion/leyGeneralDiscapacidad.htm>)

3 – *Tardeo* - sair para festa, mas ao meio dia, mas frequente aos sábados, na zona do Mercado Central (1) e na rua Castanhos (2) na cidade de Alicante, onde tem vários bares para comer e ‘fazer farras’.

Referências

Acuerdo De Asociación De España 2014-2020. Retrieved from

<<http://www.dgfc.sgpg.meh.es/sitios/dgfc/es-ES/ipr/.../p/.../inicio.aspx>>. Acesso em: 12 de jun. 2016.

Alves-Mazzotti, A. J (2006) Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651.

Alvord, S. H., L. Brown, D.; Letts, C. W. (2004, September) Social Entrepreneurship and Societal Transformation: An Exploratory Study. **The Journal of Applied Behavioral Science**, 40, p. 260-282.

Asociación APSA. Retrieved from <http://www.asociacionapsa.com/>

Austin, J., Stevenson, H. & Wei-Skillern, J. (2012, jul./ago/set). "Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both?". *R. Adm.*, São Paulo, v.47, n.3, p.370-384,

Bacq, S. & Janssen, F. (2011, june) The multiple faces of social entrepreneurship: A review of definitional issues based on geographical and thematic criteria. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 23, n. 5-6, 373-403.

Chell, E. (2007). Social Enterprise and Entrepreneurship. Towards a convergent theory of the entrepreneurial process. **International Small Business Journal**, v. 25, n.1, p.5-26.

Comunidade Valenciana. Retrieved from

<http://pt.encydia.com/es/Comunidade_Valenciana>. Acesso em: 12 de jun. 2016.

Constituição Espanhola - 29 De Diciembre DE 1978. . Retrieved from

<<http://www.boe.es/buscar/doc.php?coleccion=iberlex&id=1978/31229>>. Acesso em: 11 de Jun 2016.

Corner, P. D. & Ho, M. (2010) How opportunities develop in social entrepreneurship.

Entrepreneurship Theory and Practice, p. 635-659.

Convenio Colectivo de Centros y Servicios de Atención a Personas con Discapacidad de la Comunidad Valenciana (VII), Resolución de 17 de septiembre de 2014. Retrieved from <http://www.patronatofranciscoesteve.org/gestion/modulos/descargas2/imagenes/archivos/17125716316.pdf>

Creswell, J.W. (2010). **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre/RS: Artmed.

Dacin, T., Dacin, P. & Tracey, P. (2011, sep–oct). Social Entrepreneurship: A Critique and Future Directions. **Organization Science**, Vol. 22, No. 5, p. 1203–1213.

Dees, J. G. **The meaning of “social entrepreneurship”**. Center for the Advancement of Social Entrepreneurship. Fuqua School of Business, Duke University, Durham, 2001.

Disponível em: < www.fuqua.duke.edu/centers/case/ > [versão original 1998] _____.

Taking social entrepreneurship seriously. *Society*, 44(3), p. 24–31, 2007.

Dees, J. G.; Anderson, B. B. (2006) Framing a Theory of Social Entrepreneurship: Building on Two Schools of Practice and Thought. *Research on Social Entrepreneurship: Understanding and Contributing to an Emerging Field*, **Association for Research on Nonprofit Organizations and Voluntary Action (ARNOVA)**, v.1, n.3.

Desai, H.P. (2014). Business Models for Inclusiveness. **Social and Behavioral Sciences**. Vol. 157, 353- 362.

Dicionário Michaelis. Retrieved from <http://michaelis.uol.com.br/>

Di Domenico M. L., Haugh, H. & Tracey, P. (2010, july). Social Bricolage: Theorizing Social Value Creation in Social Enterprises. *Entrepreneurship, Theory And Practice*, v. 34, Issue 4, p. 681-703.

Drayton, W. (2002) The citizen sector: becoming as entrepreneurial and competitive as business. *California Management Review*. v. 44, n.3, p. 120-132. FGV. Fundação Getúlio Vargas. 2013. Retrieved from [m: <http://gvpec.fgv.br/cursos/gestao-deorganizacoes-do-3-setor>](http://gvpec.fgv.br/cursos/gestao-deorganizacoes-do-3-setor).

Faller, L.P., Estivalet, V.de F.B., Ferreira, J. M.C., Costa, V.F. & Andrade, T.de. (2016) Criação de valor sob a ótica do empreendedorismo social: Uma análise dos empreendimentos coletivos de uma incubadora social. **Espacios**, Vol. 37,.11, p. 18.

Fernández Nogales, A. (1999).La investigación cualitativa. *In:_____ Metodología para la investigación en marketing y dirección de empresas*. Madrid: Pirámide.

Flick, U. (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre RS: Artmed.

Godoi, C.K; Mattos, P.L.C.L.de. Entrevista Qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. *In Godoi, C. K.; Bandeira-De-Mello, R.; Silva, A. (2010). A Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. 2 ed. São Paulo/SP: Saraiva.

Godoy, A. (2010) Estudo De Caso Qualitativo. *In Godoi, C. K.; Bandeira-de-Mello, R.; Silva, A. A Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. 2 ed. São Paulo/SP: Saraiva.

Ghobril, A.N.; Perez, G.; Castillo, P.V. (org.) (2015) **O modelo da tripla hélice: temos de fato ecossistemas empreendedores?** São Paulo : Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Hockerts, K. (2006) Entrepreneurial opportunity in social purpose ventures. *In J. Mair, J. Robinson; K. Hockerts (Eds.), Social entrepreneurship*, London: Palgrave, p. 142–154.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada Brasil (2010). **Brasil em Desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília/DF : Ipea.

Izes, J.C.R.(2014) Empreendedorismo Social: Criação de Valor Social no Processo de Gestão Estratégica. Universidade de Aveiro/Portugal, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Retrieved from <https://ria.ua.pt/handle/10773/15728>

Kostetska, I. & Berezyak, I. (2014). Social entrepreneurs as an innovative solution mechanism of social problems of society. **Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development**, vol 36, n.3.

- Leal, A.L., Freitas, A.A.F.de & Coelho, S. (2014, Jul-Dez). A Percepção de Oportunidades no Contexto do Empreendedorismo Social. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v.5, n.3.
- Lepoutre, J., Justo, R., Terjesen, S.& Bosma, N.(2013) Designing a global standardized methodology for measuring social entrepreneurship activity: the Global Entrepreneurship Monitor social entrepreneurship study. **Small Bus Econ**,40:693–714.
- Lei da Minusvalia (LISMI)13/1982, de 7 de abril Espanha, 1982
- Lei 8/1980, de 10 de março – Estatutos dos trabalhadores e suas atualizações. Retrieved from https://www.coo-servicios.es/archivos/libertygenesis/Ap3_4EstatutoTrabActualiz.pdf
- Light, P.C. (2006, Fall) Reshaping Social Entrepreneurship. **Stanford Social Innovation Review**, v. 4, n. 3.
- Leadbeater, C. (1997). **The rise of the social entrepreneur**. Demos, London/UK.
- Mair, J.; Marti, I. (2006) Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight, **Journal of World Business**, v. 41, n. 1, p. 36-44,.
- Martin, R. L; Osberg, S. (2007) SE: the case for definition. **Stanford Social Innovation Review**,. Retrieved from <<http://www.ssireview.org>
- Martins, G. D. A.; Theófilo, C. R (2009). **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais**. 2. ed. ed. São Paulo/SP: Editora Atlas.
- Meyskens, M., Carsrud, A. & Cardozo, R. N. (2010), The symbiosis of entities in the social engagement network: The role of social ventures. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, Volume 22, Issue 5.
- Nicolás, C M & Rubio, A. M. B. (2012, January-junio). El emprendimiento social: una comparativa entre España y países sudamericanos. **Revista FIR, FAEDPYME International Review**, v. 1, n. 1.
- Melián, A.N., Campos, V.C. & Sanchis, J.R.P. (2011). Emprendimiento social Y empresas de inserción en España. Aplicación Del Método Delphi Para La Determinación Del Perfil Del Emprendedor Y Las Empresas Sociales Creadas Por Emprendedores. **Revista de Estudios Cooperativos**, n. 106 - Tercer Cuatrimestre, p. 150-172.
- Mendizabál, N. (2014) **Los componentes del diseño flexible en la investigación cualitativa**. In Gialdino, I.V.(coord). Estrategias de investigación cualitativa. Gedisa, Barcelona.
- Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. Retrieved from <https://www.msssi.gob.es/ssi/discapacidad/informacion/leyGeneralDiscapacidad.htm>
- Modelo Económico da Comunidade Valenciana Retrieved from http://www.hisenda.gva.es/documents/90590963/162568903/Elementos+para+transformaci%C3%B3n+Modelo+Econ%C3%B3mico+de+la+CV_DocElx+v2.pdf/46125be4-9079-4f3d-9c0c-c60f56f1c792, Acesso em 11/6/2016.
- Murphy, P.J.; Coombes, S. M. (2009, July). A Model of Social Entrepreneurial Discovery. *Journal of Business Ethics*, v. 87, **Issue 3**, p. 325-336,
- Nicholls, A.(2006). Social Entrepreneurship: New paradigms of sustainable social change, **Oxford University Press**, Oxford,OCDE.
- Omoredede, A. (2014). Exploration of motivational drivers towards social entrepreneurship. **Social Enterprise Journal**, v. 10, Issue 3. p. 239-26.
- Parente, C., Costa, D., Santos, M. & Chaves, R. R. (2011). Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. **XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização** Lisboa.
- Penalva, C.V., Alaminos, A.C, Francés, F.J.G & Santacreu, O.A.F (2015) **La investigación cualitativa: Técnicas de Investigación y Análisis con Atlas.Ti**. PYDLOS Ediciones, Universidad de Cuenca/Cuenca, Equador.

- Peredo, A.M. & McLean, M. (2006) Towards a theory of community-based enterprise. **Academy of management Review**, v.31. n.2, p. 56-65.
- Poupart, J. *et al.* (2008). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Real Decreto-Ley 3/2012, de 10 de febrero, Real Decreto-ley 3/2014, de 28 de febrero, **Ley 18/2014**, de 15 de octubre, **Ley 43/2015**, de 9 de octubre, del Tercer Sector de Acción Social. Retrieved from <http://www.lamoncloa.gob.es/serviciosdeprensa/documentacion/Paginas/index.aspx>.
- Acesso em: 11 de Jun. 2016.
- Roberts, D. & Woods, C. (2005). Changing the world on a shoestring: The concept of social entrepreneurship. **University of Auckland Business Review**, 45–51.
- Rokeach, M. 1973. *The Nature of Human Values*. New York/NY: Free Press.
- Sassmannshausen, S.P.; Volkmann, C. (2013). A bibliometric based review on Social Entrepreneurship and its establishment as a Field of Research. **Schumpeter Discussion Paper**, n. 3.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the context and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Org.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 25, pp. 1- 65). Orlando: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). Retrieved from <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1116>
- Seelos, C. & Mair, J. (2005). Social Entrepreneurship: Creating New Business Models to Serve the Poor. **Business Horizons**, v. 48. Issue 3. p. 241-246.
- Shaw, E.; Carter, S. (2007) Social entrepreneurship: Theoretical antecedents and empirical analysis of entrepreneurial processes and outcomes. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v.14. n.3. p.418-434.
- Silva, M.F., Moura, L. R. & Junqueira, L.A.P. (2015, august) As Interfaces entre Empreendedorismo Social, Negócios Sociais e Redes Sociais no Campo Social. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17. n. 42. p. 121-130.
- Stake, R. (2011). **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre/RS: Penso.
- Tamayo, A., & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores humanos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 9, 329-348.
- Viesca, J.; Játiva, C. Fondos Estructurales en la Comunitat Valenciana para el periodo 2014-2020. **Revista Valenciana d'Estudis Autònoms**. 2014. n. 59. v.I Retrieved from <http://www.hisenda.gva.es/documents/90598251/91191273/Fondos+Estructurales+2014-2020.pdf/42f0a2a4-c3c5-4bde-bbd2-78cf10a81009>. Acesso em: 11 de jun. 2016.
- Weerawardena, J. & Mort, G. S. (2006). Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model. **Journal of World Business**, v. 41. n. 1. p. 21-35.
- _____ (2012, may) Competitive Strategy in Socially Entrepreneurial Nonprofit Organizations: Innovation and Differentiation. **Journal of Public Policy & Marketing** 31(1):91-101. .
- Yin, R.K. (2016) **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre/RS: Penso.
- Zahra, S., Gedajlovic, E., Neubaum, D.O. & Shulman, J.M.. (2009). A tipology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. **Journal of Business Venturing**, v.24, p. 519-532. *Business Economics*, 40, pp. 693–714.